

REFERÊNCIAS PATRÍSTICAS QUANTO AOS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

*Vital Corbellini**

Resumo

O artigo coloca a visão de que os princípios da Doutrina Social da Igreja estavam presentes na teologia dos Padres da Igreja, seja pelas suas palavras proféticas, seja pela suas atuações sociais em favor dos mais necessitados. A palavra de Deus os iluminava para denunciar as injustiças, o egoísmo das pessoas, além de reforçarem os princípios da destinação universal dos bens, bem como da participação e da solidariedade entre as pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Doutrina Social da Igreja; palavras proféticas; denúncia de injustiças.

Abstract

This article deals with the points of the Social Doctrine of the Church already present in the Theology of the Fathers in the Church through prophetic words and social actions in favor of the most poor people. God's word illuminated them in order to denounce the injustices and egoism of the persons. Besides this they reinforced the doctrine that God has given all goods in the world for all and insisted on the participation and solidarity among people.

KEY WORDS: *Social Doctrine of the Church; prophetic words; denounce of the injustices.*

* Doutor em Teologia. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS.

Introdução

O capítulo IV do Compêndio da Doutrina Social da Igreja trata dos princípios que norteiam a DSI.¹ Coloca em primeiro lugar a dignidade da pessoa humana, o bem comum, a subsidiariedade e a solidariedade. Tais princípios têm um caráter geral e fundamental, por referirem-se às relações interpessoais e grupais; aquelas dadas na política, na economia, direito entre os povos e nações. Esses princípios promanam da mensagem evangélica, resumidos no mandamento do amor² de Cristo que diz: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12). Tudo isso forma a doutrina cristã mesma, vista como “um *corpus* doutrinal unitário que interpreta, de modo orgânico, as realidades sociais”.³ A Igreja tem uma palavra em relação à sociedade onde as pessoas vivem e as autoridades exercem o seu poder. Esses eixos são parte essencial da mensagem cristã, pois indicam os diversos caminhos possíveis para a edificação de uma vida social verdadeira, autêntica e renovada,⁴ num tempo em que estamos vivendo, de desigualdades sociais, de injustiças e de exclusões, mas também de muita esperança, empenho pastoral, entrega aos outros e de edificação do Reino de Deus.

Os Padres da Igreja, os primeiros teólogos no início do cristianismo, tiveram uma atuação social muito forte, capaz de questionar a estrutura imperial que mantinha os pobres, os escravos na exclusão social dos primeiros séculos, mas também eles tiveram uma palavra profética, denunciando as coisas inconvenientes ao evangelho e à dignidade da pessoa humana. Tanto são verdadeiros esses aspectos que

¹ DSI = Doutrina Social da Igreja. Em abril de 2004, vinha lançado no Vaticano, Roma, o Compêndio da DSI, espécie de síntese do Ensino Social da Igreja. Tal obra tinha sido requerida por João Paulo II ao Cardeal François-Xavier Nguyen Van Thuan, que possibilitou uma importante fase preparatória; com sua enfermidade e morte, o término do compêndio e a sua publicação aconteceram com o Cardeal Renato Raffaele Martino. Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, São Paulo: Paulinas, 2005 p. 13-14.

² Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 99.

³ JOÃO PAULO II. Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 41: AAS 80 (1988) 513-514. In: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 100.

⁴ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Orientações para o estudo e o ensino da doutrina social da Igreja na formação sacerdotal*, 47: Tipografia Poliglota Vaticana, Cidade do Vaticano 1988, 45. In: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 100.

a reação pagã e imperial veio logo com perseguições e a tentativa de eliminar os cristãos e a organização da Igreja após a segunda metade do século III.⁵ A seguir, faço uma análise da forma como os princípios da Igreja, considerados fundamentais, já estavam diretamente ou indiretamente presentes nas obras dos Padres, na teologia elaborada por eles, nas suas práticas pastorais e as riquezas doutrinárias que chegaram até nós.

1 A dignidade da pessoa humana

Este item possui a sua fundamentação bíblica: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem ele o criou, homem e mulher os criou” (*Gn* 1,26-27). O ser humano, homem e mulher, tem a sua protologia ligada ao alto, ao seu Criador, por serem criados com uma dignidade incomparável às outras criaturas; imagem de Deus.⁶ Esse aspecto teológico-antropológico esteve presente nos Padres da Igreja. Tertuliano possuía uma concepção objetiva do ser humano, do qual ele diz que foi modelado por Deus como um grande bem, uma obra maravilhosa, dada a sua liberdade. A carne é o gonzo, o eixo, a parte fundamental da salvação. Essa (a carne) se alimenta do corpo e sangue de Cristo, para assim a alma, a intelectualidade, a vida interior, se instruírem de Deus. Esse autor caracterizou bem a forma como Deus criou o ser humano. Quando o Senhor tocava a carne, essa recebia honra, dignidade. Deus era todo dedicado àquela substância e ocupado com o seu pensamento, trabalho, sabedoria, providência e, em primeiro lugar, com amor mesmo que lhe inspirava todos os delineamentos para conferir o melhor ao ser humano. A criação do homem estava ligada à encarnação do Filho de Deus. Dessa forma, qual fosse a forma que Deus lhe imprimia no lodo, tinha em mente Cristo que se tornaria homem, isto é lodo, que o Verbo teria sido feito carne e também terra. O Pai disse ao Filho, antes mesmo de empreender-se na obra da criação humana: “Façamos o homem, à nossa imagem e semelhança (*Gn* 1,26-27). E Deus fez o homem, a matéria, entende-se que ele plasmou, o fez à imagem de Deus, isto é, à imagem de Cristo”.⁷

⁵ Cf. SORDI, M. *I cristiani e L'impero romano*, Milano: Jaca Book, 19912, p. 122-125.

⁶ Cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 72-73.

⁷ TERTULLIANO. *La Resurrezione dei morti*, VII, 3-4. Traduzione, Introduzione e Note a cura di C. MICAELLI, Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

Tertuliano fala também da glória que Deus deu ao ser humano, criando-o como imagem e semelhança. “Estando as coisas assim, eis, portanto, o lodo recebeu glória da mão de Deus e a carne uma glória ainda maior pelo sopro de Deus em virtude do qual depôs as imperfeições do lodo e se enriqueceu com a presença da alma”.⁸ Na elucidação desse ponto, esse autor africano ressaltou a dignidade da pessoa humana pelos dons recebidos de seu Criador, que os ligava com Cristo que deveria encarnar-se de uma forma independente do pecado. O ser humano teve grandes merecimentos, através das maravilhas do Senhor Deus, nele operados.

Ireneu de Lião dizia que Deus será glorificado na sua criatura, pelas mãos do Pai, o Filho e o Espírito Santo. O homem na sua integridade tornar-se-á semelhante a Deus, porque, com o corpo, alma e espírito, totalmente íntegro, ele participará do dom de Deus, criado à sua imagem e semelhança.⁹ Essa concepção antropológica tem uma ligação com a escatologia, a salvação, o dom final de Deus para o ser humano, pelo Espírito Santo: “Se este penhor, envolvendo o homem em si, já lhe faz dizer ‘Abbá’, Pai!, o que não fará toda graça do Espírito que Deus dará aos homens? Ela nos tornará semelhantes a ele e cumprirá a vontade do Pai, pois fará o homem à imagem e semelhança de Deus”.¹⁰

Na continuidade da reflexão da dignidade da pessoa, Gregório de Nissa, fala da importância do ser humano criado à imagem de Deus. Ele diz que todo o ser humano é honrado também pelo Criador, mais que qualquer outra criatura, pelo fato de que não foi o céu, nem a lua, nem o sol, nem a beleza das estrelas, nem alguma das outras coisas que se conservam na natureza às quais foram dados os dons divinos, mas só à criatura predileta foi possível dizer: “Tu foste criado à imagem daquela essência do intelecto, à semelhança daquela beleza da qual não há defeito, representação da verdadeira divindade, receptáculo da vida bem-aventurada, simulacro da autêntica luz”.¹¹

Esse autor coloca também o outro relato da criação do homem, por parte de Deus. Ele diz que o Criador tomou o lodo da terra e plasmou o homem (cf. *Gn* 2,7). Ele soprou nele de modo que o elemento

⁸ Idem, VII, 7.

⁹ Cf. IRENEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*, V, 6. São Paulo: Paulus, 1995.

¹⁰ Idem, V, 8,1.

¹¹ GREGÓRIO DI NISSA. *Omêlie sul cantico dei cantici*, II. Traduzione, introduzione e Note a cura di C. MORESCHINI. Roma: Città Nuova Editrice, 1988.

terrestre pôde elevar-se ao elemento celeste e uma só graça pode percorrer toda a criação,¹² possibilitando ao elemento inferior a mistura com o elemento superior. A criatura humana, sendo inferior, foi preparada, plasmada para ser imagem da potência superior e este ser vivente foi o homem. Nele encontra-se a beleza da natureza inteligível, por efeito de um poder inefável.¹³ Gregório de Nissa, em seqüência a outros Padres do século IV, tinha presentes na sua doutrina antropológica e teológica os dons concedidos ao ser humano; no entanto, na atualidade daquele escritor, (o Nisseno) ele percebeu uma condição contrária, oposta, porque as pessoas não se ajudavam umas as outras. Ele levantou perguntas: onde está o caráter divino da alma, a impassibilidade do corpo, a eternidade da vida? Se tais coisas foram perdidas, pela caída do pecado original, o autor de Nissa fala da causa primordial, o pecado, que trouxe a divisão, a injustiça, a falta de amor entre os seres humanos. Tendo presente o dado escriturístico, o Nisseno procurava relacionar a objetividade do homem, criado à imagem de Deus com a realidade atual dele, nas quais o Verbo assumiu atitudes de vizinhança e de encarnação. Sendo o homem imagem de Deus, ele recebeu uma dignidade incomparável,¹⁴ e pela presença do Verbo, ele é elevado à vida divina.

Agostinho fala que a imagem de Deus está no íntimo do homem: “Volta ao teu coração, verás então a idéia que fizeste de Deus, porque no teu coração é a imagem. No íntimo do homem habita Cristo, no íntimo de si, o homem remove a imagem de Deus, na sua imagem reconhece o seu Criador”.¹⁵

Essa grandeza original, a sua chamada à fraternidade chocam-se com as condições sociais injustas em que as pessoas vivem. Assim os Padres tornam-se defensores do ser humano, sobretudo dos pobres.¹⁶ A estas considerações Basílio de Cesaréia teve presentes, sim, os dons da imagem e semelhança de Deus, mas também percebeu a desfiguração que os males humanos fazem ao mesmo (ser humano). Um desses é a fome. Ela representa a pior das desventuras humanas, o fim mais

¹² Cf. GREGORIO DI NISSA. *La Grande Catechesi*, VI, 4. Traduzione, introduzione e Note a cura di M. NALDINI. Roma: Città Nuova Editrice, 1990.

¹³ Cf. Idem, VI, 5.

¹⁴ Cf. Idem, 11,2.

¹⁵ Cf. *Commento al Vangelo di Giovanni*, 18,10. In: OPERE DI SANT'AGOSTINO, XXIV, 2. Roma: Città Nuova Editrice, 19852.

¹⁶ Cf. G. FROSINI. *Il Pensiero sociale dei padri*, Brescia: Queriniana, 1996, p. 32.

miserável de todas as mortes, porque à diferença de todas (mortes), essa carga consigo um mal lento, um sofrimento prolongado, uma morte sempre mais iminente, no entanto em atraso, prolongada. Tudo isso se justifica pelo fato de a fome consumir a umidade natural, esfria a temperatura corpórea, diminui o peso, atenua as forças. A carne fica colada ao redor dos ossos, a pele perde o colorido, porque desaparece o róseo sanguíneo, a voz fica débil e fraca, os olhos permanecem inertes, pois, com o estômago vazio, não há mais massa para as vísceras.¹⁷ Esse relato assim dramático e objetivo coloca como a pessoa é desfigurada pela fome, ainda que se diga que ela é imagem de Deus pelo fato de ela carregar dentro de si tais dons.

Basílio também tinha presente que a fome faz assumir atitudes extremas, como a comida da carne humana, como o próprio historiador Flávio José e também Eusébio de Cesaréia colocaram em suas obras. Algumas pessoas comiam outras pessoas, por ocasião da invasão dos romanos em Jerusalém.¹⁸

A solidariedade com as pessoas que passam fome, no caso dando a comida, as encaminha, pela palavra de Cristo, à vida eterna. Basílio diz que, no dia do juízo, aqueles que deram pão para os necessitados serão os primeiros justos a entrarem no Reino dos Céus (cf. *Mt 25, 35*). Esse autor também diz que é possível expiar o pecado original, dando aos outros parte do alimento que se tem. Como Adão introduziu a culpa, por ter comido a fruta, nós cancelamos as conseqüências do pecado para assim fazer crescer a imagem de Deus no homem, quando ajudamos com alimentos os mais necessitados.¹⁹

Gregório de Nazianzo denunciava, no seu tempo, a opressão dos pobres, por parte de quem dispunha do poder e dos meios econômicos sobre os outros. Esses acumulam casa sobre casa, campo sobre campo, fazendo de tudo para que os vizinhos não tenham nada, como se fossem os únicos a habitar a terra. Outros ainda não têm piedade com os órfãos

¹⁷ Cf. *Idem*, p.35.

¹⁸ Cf. GIUSEPPE, F. *La Guerra Giudaica*, VI, p. 423-428, a cura di G. VITUCCI. Cles (TN): Arnaldo Mondadori, 1999. Eusébio de Cesaréia fala da carestia que atormentou a cidade de Jerusalém, por ocasião da invasão, chegando ao cúmulo de uns matarem os outros para estes se apossarem de suas substâncias. Cf. CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*, III, 6,1-28. São Paulo: Paulus, 2000.

¹⁹ Cf. SAN BASILIO. *Omelia in tempo di fame*, PG 31,322s. In: FROSINI, G. *Il Pensiero sociale dei padri*, p. 35.

e as viúvas, não dando o pão necessário para as suas básicas necessidades.²⁰

Agostinho tem presente a comunidade primitiva que era um só coração e uma só alma (cf. *At* 4,32), dando-se a presença de Deus em Jesus Ressuscitado nas pessoas, porque todos caminhavam unidos. O desrespeito pelo outro, como imagem de Deus, reforça o egoísmo como uma atitude das pessoas, onde um se aproveita do outro. Se os bens particulares estão na primazia em relação à pessoa do outro há a busca da ambição, do dinheiro, usufruindo de cada um (outro) até ao fim. Para superar tal situação é preciso dar lugar à mensagem de Cristo, sua presença salvadora, afastando, dessa forma, toda ambição, para que ele se hospede na pessoa.²¹

2 Destinação universal dos bens

Outro princípio colocado é a destinação universal dos bens. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja tem presente o Vaticano II que afirma que Deus destinou os bens criados para todos os homens, seguindo a regra da justiça e da caridade.²² A fundamentação primeira é bíblica, porque Deus criou a terra, dando-a ao homem para que este a dominasse com o trabalho e gozasse de seus frutos (cf. *Gn* 1,28-29). O desígnio divino é que não haja privilégio para alguns e exclusão dos meios na grande maioria. O documento coloca o sentido da destinação universal dos bens pela afirmação de que tal princípio não significa que tudo esteja à disposição de cada um ou de todos e a mesma coisa pertença a todos, mas é a asseguaração do exercício eqüitativo e ordenado das coisas para todos usufruírem os bens de todos.²³ João Paulo II fala que o direito à propriedade privada nunca foi considerado, conforme a tradição cristã, como algo absoluto e intocável: tal direito está subordinado ao direito do uso comum dos bens, à sua destinação universal.²⁴

²⁰ Cf. NAZIANZO Gregorio Di. *Tutte le Orazioni*, XVI, 18. A cura di C. MORESCHINI. Milano: Bompiani, Il Pensiero Occidentale, 2000.

²¹ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos*, 131, 6. São Paulo: Paulus, 1998.

²² Cf. CONCILIO VATICANO II. Const. Past. *Gaudium et spes*, 69: AAS 58 (1966)1090. In: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 104.

²³ Cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 104 e 105.

²⁴ Cf. Carta enc. *Laborem Exercens*, 14. In: ENCÍCLICAS DE JOÃO PAULO II, 4. São Paulo: Paulus, 1997.

Os escritos patrísticos insistem em que os bens criados por Deus foram dados a todos. As pessoas deveriam usufruir os bens criados sem exclusão de ninguém. No entanto, esses (os escritos patrísticos) não deixam de ressaltar também o egoísmo. Quando vigora o direito humano, a pessoa diz: esta propriedade e essas terras pertencem a mim. Pelo direito divino, a perspectiva é totalmente contrária.

Agostinho segue o *SI* 23,11: ao Senhor pertence a terra e a sua plenitude; com uma mesma terra, Deus sustém os pobres e os ricos.²⁵ Os bens que Deus nos concedeu são dons, tratando-se de seu amor, para todo o gênero humano. Esse benefício não é um mérito pessoal, mas um agradecimento a Deus pelos bens dados a todos.²⁶ O uso universal dos bens ganhou valor, porque toda a criação é obra de Deus. Ele não deve nada a ninguém, porque ele dá tudo ao ser humano, de uma forma gratuita; por isso mesmo os bens não deveriam ser apropriados.²⁷

A Carta a Diogneto também coloca aspectos da destinação universal dos bens. Ela fala do mistério cristão, onde os cristãos se distinguem das outras pessoas, não por terras, língua, costumes; mas eles vivem como os outros, em cidades gregas e bárbaras, e, adaptando-se aos costumes do lugar, testemunham um modo de vida social admirável. Vivem na sua pátria como forasteiros, participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros: “Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira”.²⁸

João Crisóstomo entendia o dado da destinação universal dos bens, não como algo pertencente ao ser humano, porque as coisas foram feitas por Deus. A criatura humana não pode apropriar-se das coisas como se fossem dela, porque tudo o que temos provém do Criador, em Jesus Cristo. Tudo aquilo que somos, o devemos a ele, juntamente com a vida, o respiro, a luz, o ar, a terra. Quando a pessoa fala de uma coisa como se fosse dela ou dele, significa palavras que expressam uma realidade sem sentido. O verdadeiro autor da criação é Deus. Manifestamos o nosso reconhecimento, por sermos estimados dignos instrumentos da obra do Senhor.²⁹

²⁵ Cf. *Commento al Vangelo di Giovanni*, 6,25. In: OPERE DI SANT’AGOSTINO, XXIV, 2.

²⁶ Cf. *Commento al Vangelo di Giovanni*, 28,7. In: OPERE DI SANT’AGOSTINO, XXIV, 2.

²⁷ Cf. SANTO AGOSTINHO. *O Livre-arbítrio*, III, 16,45. São Paulo: Paulus, 1995.

²⁸ CARTA A DIOGNETO, 5,1-5. In: *Padres Apologistas*, São Paulo: Paulus, 1995.

²⁹ Cf. GIOVANNI CRISOSTOMO. “Omèlie sulla prima lettera ai Corinti”, 10, 4,3-4. In: *La Teologia dei Padri II*. Roma: Città Nuova Editrice, 1974.

3 O princípio da subsidiariedade

O Compêndio afirma que o princípio da subsidiariedade é uma das características diretrizes da Doutrina Social da Igreja, presente desde a primeira encíclica social. A promoção da pessoa não acontece sem o cuidado com a família, grupos, associações. Assim as sociedades de ordem superior devem ajudar e apoiar as que são inferiores.³⁰

Os Padres colocaram a importância da subsidiariedade, no sentido de que cada ser humano deve dar ao outro ajuda e àqueles que mais necessitam. Clemente tem presente o cuidado que o homem cristão deve ter com a sua família. Se ele possui o governo da mesma, nunca deve se afastar do amor de Deus, porque tem forças para superar as tentações em que são atingidos os filhos e a sua mulher.³¹ João Crisóstomo coloca a necessidade dos pais, mas, sobretudo, o pai de família esteja ligado com seus familiares, porque cada um deve preocupar-se com a salvação do próximo.³² Ele diz também que cada um de nós possui uma ovelha para cuidar. Procuremos conduzi-la às pastagens convenientes. Desde a manhã é preciso cuidar do bem do outro. Se, na vida pública, procuramos estar em dia pagando os débitos, também nas coisas espirituais devemos observar essa regra e pagar aquilo que nós devemos a Deus, procurando, dessa forma, a salvação para nós na utilidade para o próximo, porque a salvação é dada, quando a pessoa procura o bem comum.³³ Teodoreto de Ciro tem presente o princípio da subsidiariedade, porque quem está mais alto deve ajudar os necessitados. Quem tem mais meios deve servir aqueles que mais precisam. Por exemplo, uma casa não pode ficar sem o seu coordenador, pois aquela que é privada do mesmo, sendo os seus pais, acaba em ruína. O governo da autoridade foi dado pelo Criador como um remédio para curar as feridas do pecado. Os pais possuem um domínio sobre os seus filhos para fazer crescer as suas responsabilidades e em fazer o bem. Da mesma forma, na Igreja há aqueles que têm uma maior responsabilidade e outros que são a estes subordinados; tudo é em certa ordem colocado pelo Criador.³⁴

³⁰ Cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 112.

³¹ Cf. ALESSANDRINO, Clemente. *Gli Stromati, note di vera filosofia*, VII, 70, 7-8. Introduzione, Traduzione e Note di G. PINI. Milano: Paoline, 1985.

³² Cf. CRISOSTOMO, Giovanni. “Omèlie sulla seconda lettera ai Tessalonicesi”, 5, 5. In: *La Teologia dei Padri III*.

³³ Cf. CRISOSTOMO, Giovanni. “Commento al Vangelo di san Matteo”, 77, 6. In: *La Teologia dei Padri III*.

³⁴ Cf. CIRO, Teodoreto Di. “La provvidenza divina”, 7. In: *La Teologia dei Padri III*.

4 A participação

Esse é um outro princípio da DSI, consequência da subsidiariedade na qual o cidadão participa da vida familiar, eclesial, cultural, econômica, política e social, na sociedade civil a que pertence. O crescimento humano acontece em nível pessoal e comunitário pela própria contribuição, mas também pela edificação de uma comunidade internacional solidária.³⁵ A participação deve levar as pessoas à construção de uma vida digna para todos e de um governo democrático, de modo que a democracia seja participativa.³⁶ O Compêndio manifesta uma grade preocupação pelos regimes totalitários ou ditatoriais em que a participação popular é negada na raiz, porque essa pode ameaçar o próprio Estado.³⁷

Ainda que a participação seja um termo da modernidade, ela teve a sua fundamentação patrística. Gregório de Nissa diz que ao homem foi-lhe dada a vida para que ele participasse dos bens divinos de modo que ele pudesse gozar de tais riquezas. Ele foi criado de uma forma semelhante ao seu Criador para ser atraído pela natureza divina. Assim como na natureza animal e vegetal cada ser é atraído pelo seu meio e pelos seus semelhantes, assim também o homem, nascido para gozar os bens divinos, devia possuir em sua natureza alguma coisa de semelhante com o seu Criador. A ele foi-lhe concedida a vida, a razão, a sabedoria e todos os dons que convêm ao ser humano, por parte de Deus, para que, graças a cada um desses, ele (o ser humano) aderisse ao desejo daquilo que é afim e semelhante.³⁸

A participação significava também envolvimento dos cristãos no mundo. Tertuliano dizia que os cristãos estavam presentes em todas as instâncias sociais do império: “Somos de ontem, no entanto temos já invadido toda a terra e os vossos domínios; as cidades, as ilhas, os vales, os municípios, os burgos, os próprios acampamentos, as tribos, a coorte, o mundo e foro”.³⁹

³⁵ Cf. JOÃO PAULO II. Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 44-45: AAS 80 (1988). In: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 114.

³⁶ Cf. JOÃO PAULO II. Carta enc. *Centesimus annus*, 46: AAS 83 (1991) 850-851. In: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 115.

³⁷ Cf. JOÃO PAULO II. Carta enc. *Centesimus annus*, 44-45: AAS 83 (1991) 851-852. In: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 115.

³⁸ Cf. NISSA, Gregorio Di. *La Grande Catechesi*, V, 5.

³⁹ Cf. TERTULLIANO. *Apologetico*, XXXVII, 4. A cura di A.R. BARRILE. Bologna: Oscar Mondadori, 1992.

A Carta a Diogneto dizia que os cristãos estão em todas as cidades, testemunhando um modo de vida social admirável e paradoxal.⁴⁰ Tal consideração dá a entender como os cristãos não estavam alheios à vida social, fazendo o mundo melhor do que as pessoas concebiam e encontravam pela sua convivência. Esse escrito diz que eles são ativos, participativos na realidade comunitária e social: “Como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo”.⁴¹ Outro apologista, Aristides de Atenas, diz que os cristãos têm os mandamentos do Senhor Jesus Cristo gravados em seus corações e os guardam, esperando a ressurreição dos mortos e a vida do século futuro.⁴²

5 A solidariedade

Por fim, o Compêndio coloca o princípio da solidariedade como valor que confere a sociabilidade da pessoa humana, igualdade de todos em dignidade nos direitos, sendo caminho comum para os homens, em vista da unidade de todos os povos. Nunca como hoje, o liame de interdependência da comunicação é assim tão próximo: é possível estabelecer relações entre pessoas próximas, distantes e desconhecidas pela técnica digital. No entanto, a interdependência deveria acontecer também no nível econômico, porque as desigualdades são muito fortes entre os países desenvolvidos e países em desenvolvimento, alimentados por formas de exploração, opressão, corrupção, que influem na vida interna e internacional de muitos Estados.⁴³

A solidariedade é apresentada em dois pontos importantes: princípio social, o seu valor é dado nas instituições nas quais as relações entre as pessoas e povos devem ser superadas e transformadas em estruturas de solidariedade, mediante a criação de leis, regras de mercado e ordenamentos: mas ela é também percebida como virtude moral, “não simplesmente um sentimento de compaixão: é sobretudo determinação firme de se empenhar pelo bem comum, porque todos somos responsáveis por todos”.⁴⁴

⁴⁰ Cf. CARTA A DIOGNETO, 5,4. In: *Padres Apologistas*.

⁴¹ Idem, 6,1.

⁴² Cf. ARISTIDES DE ATENAS, *Apologia* 15,3. In: *Padres Apologistas*.

⁴³ Cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 116.

⁴⁴ Cf. JOÃO PAULO II. Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 38: AAS 80 (1988) 565-566. In: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p 117.

A solidariedade é vista como virtude social do evangelho que é o perder-se para o outro; para ter a verdadeira vida (cf. *Mt* 10,40-42; *Mc* 10,42-45; *Lc* 22,25-27).⁴⁵ A solidariedade tem como paradigma “Jesus de Nazaré, o homem solidário com a humanidade até à morte de cruz” (cf. *Fl* 2,8); Ele assumiu as enfermidades do seu povo, caminha com ele, conduzindo-o à salvação.⁴⁶ Com Jesus de Nazaré, pode-se perceber o nexó entre solidariedade e caridade; a solidariedade reveste-se da gratuidade total, o perdão e a reconciliação; o próximo é visto como imagem viva de Deus Pai, resgatado pelo sangue de Jesus Cristo e a presença do Espírito Santo. Dessa forma, a pessoa deve ser amada como o Senhor amou a todos, chegando ao sacrifício supremo que foi aquele de dar a vida pelos próprios irmãos (cf. *I Jo* 3,16).⁴⁷

Esse ponto foi bastante considerado pelos Padres da Igreja, porque, pelo depoimento de muitos deles, a atuação das comunidades visava a caridade para com todos. Tertuliano fala da solidariedade de Jesus com os sofredores, através da paciência. Na sua paixão, ele sofreu insultos, foi flagelado, desprezado e coroado de espinhos, mas ele foi perseverante até ao fim. Ele, sendo humano, porque encarnado, não imitou em nada a impaciência do homem.⁴⁸ Cipriano, seguindo os passos de Tertuliano, também dizia que é preciso ficar com Cristo para alcançar a Deus. Com Cristo é possível viver a solidariedade do sofrimento, porque ele foi conduzido como uma ovelha ao sacrifício, como um cordeiro sem voz não abriu a sua boca. Ele não gritou, e a sua voz não se ouviu sobre as praças, não subtraiu a sua face aos insultadores (cf. *Is* 53,7).⁴⁹

A solidariedade se fazia presente entre as comunidades e na própria comunidade, àqueles que mais necessitavam de uma ajuda.

⁴⁵ Cf. JOÃO PAULO II. Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 38: AAS 80 (1988) 566. Cf. ainda: JOÃO PAULO II, Carta enc. *Laborem exercens*, 8: AAS 73 (1981) 594-598; JOÃO PAULO II, Carta enc. *Centesimus annus*, 57,57: AAS 83 (1991) 862-863. In: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 117.

⁴⁶ Cf. CONCILIO VATICANO II Const. Past. *Gaudium et spes*, 32: AAS 58 (1966) 1051. In: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 119.

⁴⁷ Cf. JOÃO PAULO II. Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 40: AAS 80(1988) 569. In: *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p. 119.

⁴⁸ Cf. TERTULLIANO. “La pazienza”, 2-3. In: *La Teologia dei Padri III*. Roma: Città Nuova Editrice, 1975.

⁴⁹ Cf. CIPRIANO. “Il bene della pazienza”, 20-24. In: *La Teologia dei Padri III*. Roma: Città Nuova Editrice, 1975.

Tertuliano fala de uma espécie de caixa comum, onde cada um levava ali quanto queria e podia. Era sua modesta contribuição mensal e cada um a oferecia de uma forma espontânea. “Esses depósitos da comum piedade não são usados para banquetes, bebidas, mas para dar alimento e sepultura aos necessitados, socorrer os meninos e meninas privados de sustentação e de seus pais pobres e também escravos em estado final de vida, náufragos. A comunidade ajuda também os condenados às minas, deportados nas ilhas e aqueles jogados nos cárceres”.⁵⁰ Justamente esse aspecto fraterno tornava os cristãos solidários, solícitos uns com os outros, atraindo a atenção de muitos, sobretudo os pagãos: “Vede, os pagãos diziam, como eles se amam entre eles”.⁵¹

Quase a mesma referência Justino descreve o que em sua comunidade se realizava em favor dos mais necessitados. Ele dizia que aqueles que possuíam alguma coisa e queriam dar o que bem lhes parecesse; tudo aquilo que era recolhido se entregava ao presidente, entendendo-se aqui o bispo, ou o presbítero. Esse o dá a órfãos, viúvas, aos que estão necessitados, aos que estão nas prisões, aos forasteiros de passagem, numa palavra a todos os que se encontram em necessidades.⁵²

Conclusão

A Palavra de Deus na Sagrada Escritura e a atuação de Cristo iluminam a Igreja no seu discurso e atuação social no mundo de hoje, onde ela é convidada a reforçar a dignidade da pessoa humana, a destinação universal dos bens, a subsidiariedade, a participação e a solidariedade, princípios da DSI. Os Padres da Igreja tiveram, não só uma percepção dos problemas sociais que encontravam em suas comunidades e na sociedade imperial, mas realizaram algo em vista da mudança da vida daqueles povos. Eles tinham como ponto fundamental a palavra de Deus e o paradigma de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade, a sua atuação em favor de todos, mas sobretudo dos pobres. Dessa forma, eles (os Padres) procuraram estar ao lado dos que mais sofrem, dos últimos da sociedade, buscando alternativas de

⁵⁰ Cf. TERTULLIANO. *Apologetico*, XXXIX, 5-6.

⁵¹ Cf. TERTULLIANO. *Apologetico*, XXXIX, 7.

⁵² Cf. JUSTINO DE ROMA. *I Apol.*, 67,6. São Paulo: Paulus, 1995.

transformação da realidade, reforçando a conversão das pessoas e autoridades. Os princípios da DSI possuem uma fundamentação patrística que, por sua vez, deriva da mensagem evangélica, de todos aqueles que se embeberam das fontes do Novo Testamento, tendo presente a luz proveniente do Espírito Santo em Cristo Jesus, o enviado do Pai e, pela sua natureza humana, fez-se solidário com todos.